

# FINANÇAS

## Caixa Geral quer avançar no mercado de capitais

Operação brasileira do banco triplica capital para expandir financiamento em reais, de olho em fusões e projetos, e reforçar a atuação como distribuidor em ofertas públicas

**Maria Luíza Filgueiras**

mfilgueiras@brasileconomico.com.br

Perto de completar um ano de atuação no mercado brasileiro, o Banco Caixa Geral, que pertence ao grupo português Caixa Geral de Depósitos (CGD), está reforçando o capital para aumentar a capacidade de crédito e estruturar uma área de corretagem no país. Ainda que o volume seja tímido, o banco está mais do que triplicando sua base, que foi de R\$ 123 milhões para R\$ 260 milhões no início do ano e, no segundo semestre, vai atingir R\$ 400 milhões.

As duas tranches são injeções diretas do acionista, o governo de Portugal. Enquanto a situação financeira na Europa é pouco favorável neste momento à atividade bancária, a expansão internacional com foco no Brasil e na África de língua portuguesa se mantém como estratégica para a CGD.

“Aumentamos o capital para elevar nosso potencial de financiamento em reais e em dólar com swap em reais”, diz Diogo Castro e Silva, diretor-executivo do banco de investimento da Caixa Geral. Segundo Silva, a meta é estar entre as 50 maiores instituições em ativos no Brasil em três anos, o que significa saltar mais de 30 posições.

A área de investimento tem atuação concentrada em infraestrutura, tanto na assessoria e financiamento de projetos (project finance) quanto em fusões e aquisições (M&A) de empresas do setor. Para Silva, a crise mostrou a importância da concessão de recursos, além da assessoria por parte de bancos de investimento nessas duas atividades.

“Não somos banco boutique, mas um modelo ‘door to door’. Depois da crise, muitas instituições ficaram penduradas com os sponsors (donos dos projetos) e sem a capacidade de dar suporte financeiro”, diz o executivo. “É um risco que abala a relação de confiança entre o banco e o cliente. Por isso, é importante também saber escolher a clientela.” Na carteira do banco no Brasil, estão gran-

“

Existe a nossa decisão de ter uma corretora, mas como isso acontecerá ainda não foi definido

**Diogo Castro e Silva,**  
diretor executivo do banco de  
investimento Caixa Geral

des empresas como Odebrecht, Camargo Corrêa e CCR.

Em Portugal, o banco está entre os líderes de estruturação de project finance, o que se reflete também no volume de emissões de dívida. Em 2009, o banco de investimento da matriz participou de 19 operações de dívida, que somaram € 3,2 bilhões.

Já no mercado de ações, o banco é parte da European Securities, uma aliança de dez instituições financeiras para distribuição de papéis na Europa. Segundo Silva, é aproveitando essa base que a instituição quer atrair companhias que estão fazendo oferta de ações para colocação em países da região.

“Não somos um banco global, mas regional. Temos uma base na Europa para distribuir ações de empresas brasileiras que estão fazendo oferta pública e definem uma parte da colocação para investidores europeus”, diz. Até agora, a Caixa Geral participou da oferta subsequente da CCR e do Santander, e estava envolvida na oferta da Renova, interrompida pela companhia este mês.

O reforço na área de equity será feito ainda com a atuação em corretagem no Brasil. A Caixa Geral já começou a mapear possíveis alvos no mercado nacional, mas não descarta ainda um início orgânico. “Existe nossa decisão estratégica de ter a corretora, mas como será feito ainda não está definido. A noiva precisa estar interessada para haver uma negociação e, se não houver uma boa oportunidade, podemos optar por greenfield”, afirma o executivo.

A corrida à corretagem, com o avanço do mercado de capitais brasileiro, também foi iniciada por outros bancos estrangeiros com atuação no país. Segundo o presidente do BNP Paribas, Louis Bazire, a instituição continua interessada em aquisições e está afunilando as negociações em busca de desfecho ainda neste ano. O motivo é semelhante: complementar a plataforma de serviços do banco no Brasil e a interface com a operação internacional. ■

### ■ APORTE

No segundo semestre, base de capital vai aumentar para

R\$ 400 mi

### ■ REFORÇO

Até o início deste ano, o capital social era de

R\$ 123 mi

### ■ META

Banco quer figurar no ranking de ativos entre os

50 maiores

### ■ CONCESSÃO

No ano passado, volume de crédito no país foi de

us\$ 350 mi



Divulgação



## “Percepção de risco define taxa de câmbio”

O diretor de Política Monetária do Banco Central, **Aldo Luiz Mendes**, afirmou que o maior ou menor apetite de investidores a risco é o que define a taxa de câmbio no país. “Ao contrário do que pode indicar o senso comum, o fluxo cambial não forma a taxa de câmbio. A variação do câmbio se deve à percepção de riscos da economia global”, disse em evento no Rio de Janeiro, classificando o real como uma “commodity global”, em razão do sua reação a cenários de risco.

### AGENDA DO DIA

- Às 5h30, o Reino Unido divulga o PIB do quarto trimestre.
- Às 8h, a FGV divulga o IGP-M de março.
- Às 10h, sai o indicador de preços de imóveis de janeiro nos EUA.
- Às 11, sai o índice de confiança do consumidor de janeiro nos EUA.

Marcelo Soubhia

Castro e Silva: recuperação do mercado de capitais atrai o banco, que quer servir de suporte para empresas que pretendem distribuir papéis para europeus



# Custo maior na captação da matriz

Revisão de nota de risco de Portugal traz impacto no rating do banco e encarece funding

A fase de crescimento da Caixa Geral no Brasil contrasta neste momento com o desempenho na matriz. A pressão gerada pelas contas públicas do conjunto de países que vem sendo chamado de Piigs (Portugal, Itália, Irlanda, Grécia e Espanha) resultou em redução de rentabilidade do banco.

Controlado pelo governo português, a CGD sofreu rebaixamento de nota de risco ou foi colocada em perspectiva negativa pelas três maiores agências de risco – Standard & Poors, Moodys e Fitch, acompanhando a revisão de rating soberano. “O resultado disso é um funding mais caro”, diz Diogo Castro e Silva, diretor executivo do banco de investimento Caixa Geral Brasil.

Na última revisão da Fitch, no dia 24, a agência rebaixou as notas de curto e longo prazo da CGD de AA- e F1+, respectivamente, para A+ e F1, mantendo a perspectiva negativa. As emissões também tiveram nota reduzida e contribuem para o aumento de risco de papéis e consequente cobrança de um prêmio maior por parte dos investidores.

A nota para emissão de dívida sênior foi reduzida de AA- para A+ e as ações preferenciais foram alteradas de A para A-. No mesmo dia, o reflexo apareceu no custo de proteção de dívida portuguesa – o Credit Default Swaps (CDS) de cinco anos, que subiu para perto de 140 pontos base. Há oito meses, era de 50 pb.

No demonstrativo consolidado, a CGD registrou retração de 39,2% no resultado líquido em 2009, em comparação a 2008, para € 278,9 milhões. A rentabilidade foi comprimida, devido ao aumento no custo de captação, e a inadimplência na atividade bancária (considerando os atrasos acima de 90 dias) passou de 2,47% para 3%.

No CaixaBI, entretanto, que é o banco de investimento em Portugal, o resultado líquido no ano passado avançou 50,8% e o ROE (rentabilidade sobre patrimônio) subiu de 15,88% para 17,64%. ■ **M.L.F.**

Prêmio de risco e retração de mercado pressionaram rentabilidade da matriz, e resultados registraram queda de 39% no ano passado

### ESTRATÉGIA

● Apesar da pressão no custo de funding, matriz autorizou aporte de R\$ 277 milhões na operação brasileira.

● Foco estratégico no Brasil é atuação do banco de investimento, braço que também apresenta crescimento em Portugal.

● Internacionalização do banco também está sendo reforçada em países da África.